

“Casarões de Amparo”

Neste período de quarentena, devido à pandemia, motivo pelo qual o Museu “Bernardino de Campos” e a Biblioteca Pública Municipal “Carlos Ferreira” estão fechados, a **Secretaria Municipal de Cultura e Turismo** da Prefeitura de Amparo inicia uma série de exposições virtuais, começando pela exposição “Casarões de Amparo”, evidenciando, assim, que, efetivamente, Amparo é um museu a céu aberto. Bom passeio virtual!

Fotos e legendas: Marcelo Henrique



Este prédio, hoje tombado pelo CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, foi construído, em 1901, pela Sociedade de Mútua Assistência Italiana (Colônia Italiana); seu projeto arquitetônico foi fornecido pelo Consulado Italiano. Foi sede do Grêmio Recreativo Cultural e Artístico (antigo Grêmio Recreativo Italiano, forçado a mudar de nome durante a Segunda Guerra Mundial), fundado em 1905, segundo alguns. Entretanto, as “*Efemérides Amparenses*” mencionam a fundação do Grêmio Recreativo em 11 de junho de 1899, sendo palco de bailes e festas memoráveis ao longo de mais de 30 anos; depois, por várias décadas, foi sede da Prefeitura Municipal

de Amparo. Pertence, atualmente, à empresária amparense senhora Ana Maria Veroneze Beira, que, segundo consta, pretende transformá-lo em um Centro Cultural.



Antiga residência do Barão de Campinas

Recentemente, este palacete foi adquirido pela Diocese de Amparo para ser a sede da Cúria Diocesana de Amparo.

Por décadas, ali funcionou o Patronato Jesus Crucificado e, antes, foi, residência do então comendador Joaquim Pinto de Araújo Cintra (futuro Barão de Campinas), onde se hospedou, em setembro de 1878, Dom Pedro II - Pedro de Alcântara, quando em visita oficial a Amparo.

Este palacete (o mais antigo sobrado remanescente da cidade) foi construído na primeira metade do século XIX por Francisco da Silveira Franco (sua construção remonta a 1836), mas foi o Barão de Campinas que o reformou e imprimiu nas fachadas a linguagem de tradição clássica que o caracteriza até os nossos dias.

A rua em que está localizado o casarão se chamava, primitivamente, Rua do Silveira, por causa desse sobrado nela construído por Francisco da Silveira Franco; também já se chamou Rua da Constituição e, depois, Rua Comendador Joaquim Pinto (até 1894), passando, então, a se chamar, até os dias atuais, Rua Barão de Campinas.



Fórum Laudo de Camargo - Poder Judiciário – Praça da Bandeira
Com projeto de Oswaldo Arthur Bratke, o edifício do Fórum, construído em 1962, na Administração do governador Carvalho Pinto, recebeu, em 1963, o nome do ilustre amparense Laudo Ferreira de Camargo, que foi presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), glória e honra da Magistratura brasileira.



Residência em Amparo, na Rua 15 de Novembro (na casa de esquina, imóvel de número 127, pertencente à família Maiorino, onde hoje é a Beabá Papelaria), onde, durante 22 anos (até 1888), se destacou como advogado, jornalista combativo, ardoroso republicano e abolicionista. Em Amparo, criou raízes, amando-a como se fosse o seu verdadeiro berço natal, tornando-se um de seus filhos mais estimados e ilustres. Dos 16 filhos de dr. Bernardino de Campos e dona Chiquinha (Francisca de Barros Duarte), 13 nasceram em Amparo.



Museu Bernardino de Campos

O prédio foi construído pelo coronel Luiz de Souza Leite (Barão de Socorro). Depois de sua morte, o edifício foi desapropriado, passando a ser propriedade da Prefeitura de Amparo. A desapropriação custou aos cofres públicos a quantia de 27 contos de réis. Em 1927, funcionou como Câmara Municipal e Prefeitura. A partir de 29/11/1975, ali foi instalado o Museu Histórico e Pedagógico Bernardino de Campos (atualmente, Museu Bernardino de Campos).



Foi nesta casa, localizada na esquina da Rua XV de Novembro com a Rua Francisco S. Araújo (sobrado dos Paiva), que residiu a então futura Viscondessa de Nova Granada (dona Anna Miquelina Alves), personalidade do Império, nascida em Itatiba/SP em fevereiro de 1863 e falecida em São Paulo, no ano de 1943. Construído em taipa de pilão e taipa de mão, o casarão mostra um clássico meio toско. É semelhante a muitos sobrados que serviram como sede de fazenda no meio rural, sendo o único sobrado de Amparo que mantém em suas fachadas as características originais da primeira metade do século 19.



Casa em que nasceu Francisco Franco da Rocha - Rua XV de Novembro nº 87, em Amparo – residência em cujo pórtilco, até hoje, se encontram as letras “J.J.F.R.” (iniciais do então proprietário da casa, sr. José Joaquim Franco da Rocha, pai do renomado Franco da Rocha)



Residência da família Prestes Maia

Casa de número 119 da Rua XV de Novembro (ao lado da atual Papelaria Beabá), em Amparo/SP, onde nasceu Francisco Prestes Maia.

Foi construída em 1923. Sua fachada mural, a própria presença do ático e da cimalha evidenciam uma espécie de permanência do gosto clássico ainda nas primeiras décadas do século XX.



Residência da Família Carneiro, na Rua XV de Novembro: Os proprietários eram originários de Veneza; por isso, os leões nos arcos - o leão é um símbolo de Veneza. Com relação ao carneiro no topo do prédio, foi porque o dono possuía esse sobrenome e, na Itália, era normal colocar nos prédios algo que indicasse a origem, o nome ou a profissão dos proprietários.



Igreja Nossa Senhora do Rosário

Foi construída por escravos em 1831. Abrigava a antiga Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Dos edifícios religiosos remanescentes, é o mais antigo de Amparo.

Após a construção da nova igreja, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo (hoje, Catedral), a Igreja Nossa Senhora do Rosário passou a ser frequentada apenas pelos católicos da raça negra, chamada, por isso, pelos fazendeiros da época, de igreja dos pretos. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário foi matriz da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo em meados do século XIX, enquanto a Igreja de Nossa Senhora do Amparo estava em obras, pelo que chegou a ser chamada de “matriz nova” em alguns textos. Em 1º/2/1879, com a bênção do templo reformado, a Igreja do Rosário deixou de ser matriz.



Biblioteca Pública Municipal "Carlos Ferreira"

Criada em 27 de abril de 1900, como Grêmio Literário Carlos Ferreira, recebeu desse benemérito jornalista, educador e escritor gaúcho a doação do prédio do Largo da Matriz e da sua grande biblioteca pessoal. Sua fundação foi liderada por Manuel de Matos Azevedo, Antônio Pinto Nunes Cintra e Teodoro Jerônimo Rodrigues de Moraes, que também integraram sua primeira Diretoria. A lei municipal nº 696 transformou o Grêmio na Biblioteca Pública Carlos Ferreira, continuando esta instalada no prédio nº 141 da Praça Monsenhor João Baptista Lisboa. O seu acervo ultrapassa 30 mil volumes. A construção do prédio data de 1900.



Beneficência Portuguesa de Amparo (antigo Grêmio Português de Beneficência) - magnífico prédio-hospital, cuja escadaria nos recorda uma embarcação, já que os portugueses foram expoentes das grandes navegações. Este hospital foi fundado pela colônia portuguesa de Amparo em 13 de março de 1892, tendo à frente Alberto dos Santos Corrêa, Bernardino Alves de Sousa, Manuel Maria Heitor, João Bernardo So brado, o comendador Manuel José Gomes e outros. Construído em estilo manuelino, em amplo terreno, o hospital é um marco na Avenida Bernardino de Campos, impressionando a quantos chegam a Amparo. Já em 1929, ele contava com equipamentos modernos para a época, inclusive aparelhos de raios-x, duas salas de operação e banhos hidroelétricos. Em julho de 1924, o hospital foi ocupado pelas forças revolucionárias da coluna do tenente Cabanas, que ali se acantonaram durante alguns dias. Depois da retirada da coluna Cabanas, o presidente do Grêmio Português, Manuel Martins, foi preso por 15 dias, acusado de conluio com os rebeldes.

O atual presidente da Beneficência Portuguesa de Amparo é o dr. Fernando Gabriel Cazotto



Residência pertencente, atualmente, à família do saudoso desembargador dr. Paulo Costa.

Esta casa já pertenceu ao dr. Plínio Augusto do Amaral, advogado, fazendeiro e político em Amparo. Era filho do dr. Carlos Augusto do Amaral Sobrinho, um dos líderes da corrente liberal em Amparo.

Plínio do Amaral foi um dos fundadores do Partido Democrático local, de cujo diretório era presidente em 1929. Deixou ilustre descendência, inclusive magistrados e militares.



Até muito recentemente (início de 2020), era um próspero estabelecimento comercial - "Seo Bastião". Esta casa, na Rua XV de Novembro, foi a residência do campineiro Francisco de Assis Prado, republicano histórico que, em setembro de 1878, hasteou a bandeira da República no seu quintal durante a visita do imperador D. Pedro II a Amparo, em sinal de protesto e de provocação. Dom Pedro II estava hospedado no palacete do Comendador Joaquim Pinto de Araújo Cintra (futuro Barão de Campinas), que, depois, viria a se tornar o Patronato Jesus Crucificado e, mais recentemente, sede da Cúria Diocesana de Amparo.

De onde estava, na sacada do palacete do anfitrião, Dom Pedro II viu a bandeira republicana hasteada no quintal de Assis Prado; contudo, segundo consta, o imperador do Brasil ignorou solenemente a provocação.

Apesar de republicano e de ter participado da Convenção de Itu, era escravagista. Sua profissão era a de boticário, mas exerceu também o

jornalismo. Batalhou pela construção do ramal da Mogiana e pela melhoria das estradas de rodagem para Campinas. Sugeriu um “Mutirão da Caridade” para construir um hospital de isolamento para os doentes de varíola, vitimados por uma epidemia em 1875. Foi um generoso doador para todas as obras pias que necessitassem de seu auxílio e foi quem doou o primeiro relógio público que se instalou na então Igreja Matriz Nossa Senhora do Amparo – atual Catedral Nossa Senhora do Amparo.



Residência de Sebastião Araújo Gama (Praça Monsenhor João Baptista Lisboa) Idealizado pelo arquiteto José Piffer e finalizado em 1908, este edifício, que pertenceu ao comerciante Sebastião de Araújo Gama, destaca-se na paisagem urbana de Amparo. Até pouco tempo, estava preservada a forma original dos terrenos com frente para o Largo da Catedral e fundos para a Rua Duque de Caxias, como previa o primitivo traçado da cidade, é uma das poucas residências da cidade onde aparecem as formas “art nouveau”.



Residência do engenheiro e ex-prefeito Constâncio Cintra (Praça Monsenhor João Baptista Lisboa)

Nela, atualmente, reside seu filho, também engenheiro e ex-prefeito de Amparo, João Baptista de Campos Cintra. Construída em 1911, esta residência foi idealizada pelo engenheiro Hipólito Pujol Júnior.



Residência de Dona Maria Salomé (Rua Duque de Caxias, esquina com a Rua Marechal Deodoro). Dona Maria Salomé era sócia de propriedade no bairro dos Silveiras que produziu 7.500 quilos de café em 1901. Este é o único exemplo do neocolonial entre os edifícios de Amparo. Foi projetado e construído pelo arquiteto Amador Cintra do Prado para dona Maria Salomé Silveira em 1927.



Residência do Major Jacinto José de Araújo Cintra (Rua Duque de Caxias, esquina com a Rua Marechal Deodoro). O Major Jacinto José de Araújo Cintra foi fazendeiro e político liberal em Amparo.

Exemplo de extremo luxo, essa residência foi idealizada e construída por José Ricardo Aguiar, tendo sido concluída em 1902, um ano depois da morte do proprietário. O major havia sido um dos grandes produtores de café do município de Amparo, em sua Fazenda Santa Helena, no bairro do Brumado.

A residência apresenta entrada lateral, o que determina, em planta, um corredor em “L”. O acesso à porta principal é feito através de uma escada de mármore, guardada por gradil em ferro com acabamento em madeira. A porta de entrada tem um entalhe com máscara meio animal, meio vegetal, o que mostra fortes reminiscências maneiristas.



Residência da Família Cilotti (Rua Barão de Campinas – esquina com a Rua Marechal Deodoro)

Este edifício foi construído em 1898 e serviu como residência de Pedro Nolasco da Silveira, então proprietário da Fazenda São Pedro do Brumado. A fachada principal é composta por quatro pilastras, encimadas por capitéis coríntios, sendo duas laterais e outras duas que acentuam a presença da porta principal, ladeando-a.



A famosa casa cor-de-rosa localizada na Praça da Bandeira foi adquirida, na primeira metade do século XX, pelo senhor Carlos Alves de Godoy, coletor federal de Amparo ao longo de muitas décadas, que ali residiu até seu falecimento. Depois, o imóvel passou a pertencer à sua filha, senhora Maria Alves de Godoy Cintra, então viúva do coronel aviador Roberto de Araújo Cintra, já falecida. Atualmente, segundo consta, reside nesse casarão um dos filhos de dona Maria Godoy, chamado Roberto.



Majestoso casarão localizado na Rua Benjamin Constant, esquina com a Rua Duque de Caxias. As iniciais na frente da casa – CMA – indicam o nome do primeiro proprietário, Conrado Marcondes de Albuquerque, rico comerciante do final do século XIX, que faleceu em São João da Boa Vista. Atualmente, pertence à família Miranda. Seu proprietário era o dr. Antonio Augusto Lisbôa Miranda, falecido em 30 de abril de 2015, em São Paulo, Capital. Era muito amigo do professor Plínio Correa de Oliveira, fundador da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), também já falecido, sendo que ele próprio era, igualmente, membro da TFP. Nasceu em São Luís/MA em 21 de agosto de 1931. Deixou viúva e oito filhos, herdeiros e coproprietários deste imenso casarão.



Casarão da Rua Oito de Abril (esquina com a Rua Washington Luís) – na verdade, a junção de duas casas da Rua Washington Luís, as de números 71 e 77, respectivamente – Imóvel pertencente, atualmente, à Prefeitura de Amparo, está sendo restaurado para ser a Casa do Patrimônio Cultural.

Este casarão, tombado pelo Codepacua – Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Amparo, é representante dos primeiros tempos da povoação, construído em taipa de pilão e taipa de mão, guardando a aparência das residências da primeira metade do século XIX. Ficava às margens de um dos eixos formadores da cidade de Amparo, ou seja, do caminho que, de Bragança e de Atibaia, demandava Mogi Mirim e que se transformou, posteriormente, na Rua Oito de Abril. A sua importância histórica deve-se ao fato de ser a primeira casa escriturada do município – em que pese haver quem afirme que seria o sobrado dos Paiva, antiga residência da Viscondessa de Nova Granada, na esquina da Rua XV de Novembro, que teria essa primazia.



Residência da Família Mattos, na Praça Monsenhor João Baptista Lisboa, em Amparo. A pintura, embora vanguardista para uma construção histórica (ou, pelo menos, antiga), realçou seus belos traços e sua arquitetura.



Antiga casa do chefe da Estação Ferroviária da Mogiana – Praça Pádua Salles nº 174 (Largo da Estação)

Prédio tombado pelo CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, foi restaurado entre 2019/2020, na Administração do prefeito Luiz Oscar Vitale Jacob.

Em sua parte superior, já funcionou a Casa da Cultura, sede do então Departamento de Educação e Cultura do município, que, a partir de 28 de janeiro de 2000, passou a se chamar Casa da Cultura “Francisco Luzia Netto” (gestão do prefeito Carlos Piffer). Na parte térrea, funcionava a Pinacoteca Municipal Dr. Constâncio Cintra, criada pela Lei Municipal nº 2.369, de 2 de setembro de 1998 (gestão do prefeito Carlos Piffer); seu acervo se encontra, atualmente, sob a guarda do Museu “Bernardino de Campos”.



Catedral Nossa Senhora do Amparo

Criada a freguesia em 1838, a antiga Capela Curada de Nossa Senhora do Amparo tornou-se Igreja Matriz. Com a reforma desse templo em meados do século XIX, a Igreja Matriz passou a ser a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Em 1º/2/1879, estando terminadas as obras, houve a bênção da “matriz nova”, retornando a ela no dia seguinte as imagens e o Santíssimo Sacramento. No século XX, ela passou por nova e demorada reforma, nos idos de 1929, adquirindo o aspecto neoclássico atual, conforme planta elaborada pelo engenheiro dr. Amador Cintra do Prado. Uma vez criada a Diocese de Amparo em 23/12/1997 e instalada em 25/3/1998, a Igreja Matriz passou a ser denominada Catedral Nossa Senhora do Amparo.

* * *

- Diocese de Amparo – Criada em 23/12/1997 e instalada em 25/3/1998, abrange onze municípios (foranias) e 33 Paróquias: Amparo, Mogi-Mirim, Holambra, Águas de Lindoia, Lindoia, Jaguariúna, Santo Antônio da Posse, Itapira, Serra Negra, Pedreira e Monte Alegre do Sul. A Catedral Diocesana é a antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo. Seu primeiro bispo (hoje, bispo emérito) é Dom Francisco José Zugliani, sucedido por Dom Pedro Carlos Cipolini, segundo bispo de Amparo, cuja ordenação episcopal foi em 12 de outubro de 2010, na Catedral Metropolitana de Campinas, sendo empossado na Diocese de Amparo em 31 de outubro do mesmo ano; em 26 de julho de 2015, Dom Pedro Cipollini tomou posse como Bispo de Santo André. A Diocese de Amparo ficou em sé vacante entre o dia 27 de maio de 2015, quando Cipollini foi transferido para a Diocese de Santo André (SP), e 6 de janeiro de 2016. Nesse período, o Colégio de Consultores da Diocese elegeu o Padre Pedro Maia Pastana como Administrador Diocesano. O terceiro (e atual) Bispo de Amparo é Dom Luiz Gonzaga Fechio, cuja posse aconteceu no dia 19 de março de 2016.